



O TUIUTI



ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RS E DO
INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL

200 anos da ACADEMIA REAL MILITAR e da AMAN

Ano 2011

NOVEMBRO

Nº 03

ENGENHARIA MILITAR BRASILEIRA NA GUERRA DO PARAGUAI
Cel Carlos José Sampaio Malan, acadêmico da FAHIMTB
1ª PARTE (NESTA EDIÇÃO)

INTRODUÇÃO.....	2
1 PRIMÓRDIOS DA ENGENHARIA MILITAR BRASILEIRA.....	3
1.1 BATALHÃO DE ENGENHEIROS.....	4
1.2 CORPO DE ENGENHEIROS.....	4
1.3 ENGENHARIA MILITAR: BATALHÃO DE ENGENHEIROS OU CORPO DE ENGENHEIROS?	6
2 ATUAÇÃO DO BATALHÃO DE ENGENHEIROS NA GUERRA DO PARAGUAI.....	7
2.1 OCUPAÇÃO DA ILHA DA REDENÇÃO	8
2.2 COMBATE NA ILHA DA REDENÇÃO	8
2.3 TUIUTI	9
2.4 HUMAITÁ.....	10

2ª PARTE (NA EDIÇÃO SEGUINTE DESTE JORNAL)

3 ATUAÇÃO DO CORPO DE ENGENHEIROS NA GUERRA DO PARAGUAI	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.
3.1 TRANSPOSIÇÃO DO RIO PARANÁ	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.
3.2 CONSTRUÇÃO DA ESTRADA DO CHACO.....	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.
4 CONSEQUÊNCIAS DA GUERRA DO PARAGUAI PARA A ENGENHARIA MILITAR	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.
4.1 TRANSFORMAÇÃO DA ENGENHARIA TÉCNICA PARA ARMA COMBATENTE ...	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.
4.2 ADAPTAÇÃO DO ENGENHEIRO-DOCTOR AO ENGENHEIRO-SOLDADO	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.
4.3 TÉCNICAS DE TRANSPOSIÇÃO DE CURSOS DE ÁGUA	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.
4.4 REORGANIZAÇÃO DO BATALHÃO DE ENGENHEIROS.....	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.
REFERÊNCIAS	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.
ANEXO A: Decreto nº 1.535/1855	Erro! Indicador não definido.
ANEXO B: Ordem do Dia nº 150.....	Erro! Indicador não definido.
ANEXO C: Ordem do Dia nº 156	Erro! Indicador não definido.
ANEXO D: Ordem do Dia nº 237	Erro! Indicador não definido.
ANEXO E: Ordem do Dia nº 152.....	Erro! Indicador não definido.

INTRODUÇÃO

Esta monografia tem como objetivo geral investigar a Engenharia Militar Brasileira, sua participação na Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai, por intermédio de suas atividades de construção ou técnicas e de combate ou operacionais e como objetivos específicos ressaltar a importância da adaptação do engenheiro-doutor, pertencente à Comissão de Engenheiros, ao engenheiro-soldado, integrante do Batalhão de Engenheiros; verificar a participação da Comissão de Engenheiros e do Batalhão de Engenheiros na Guerra do Paraguai; e identificar o surgimento da Arma de Engenharia.

O problema estava em definir como deveria ser formada a Engenharia? Engenheiros–doutores ou engenheiros-soldados? Ou seja, mostrar a evolução e a transformação ocorrida, ainda naquele conflito, dos engenheiros-doutores, então pertencentes à Arma de Artilharia que por suas especializações voltadas para as fortificações estavam umbilicalmente ligados aos artilheiros.

Com o decorrer da campanha, os engenheiros-doutores iriam se complementar com os engenheiros-soldados pertencentes ao Batalhão de Engenheiros, estes sim, genuinamente combatentes, com atribuições tipicamente de apoio ao combate, através dos reconhecimentos especializados, construção de pontes, estradas, passagens e vias militares.

Segundo o Conde D’Eu: “sobravam Engenheiros e faltavam oficiais de Estado-Maior”, durante a Guerra do Paraguai.

A verdade, no entanto, é que se os aliados derrotaram os paraguaios, muito devem à participação dos engenheiros naquele conflito. A importância dos oficiais de Estado-Maior é inequívoca, porém se faz necessário resgatar a memória dos engenheiros doutores e soldados, que tanto contribuíram para o sucesso daquela que foi a maior guerra do continente sul-americano.

Esta pesquisa será do tipo bibliográfica qualitativa, utilizando fontes primárias e secundárias e fará uma abordagem da Engenharia Militar Brasileira, desde sua origem na Guerra do Paraguai.

No intuito da busca da verdade histórica destas ações dos engenheiros, tanto técnicas quanto combatentes, foram pesquisadas as ORDENS DO DIA do Exército em operações na República do Paraguai, verdadeiras citações de combate que sucederam aqueles eventos, numa prova cabal do reconhecimento dos chefes militares aos engenheiros que se distinguiram naquele conflito envolvendo o Brasil, Uruguai e Argentina formando a Tríplice Aliança contra o Paraguai.

A história da Arma de Engenharia e sua participação na Guerra do Paraguai, retratadas nas bibliografias do Gen Aurélio de Lyra Tavares, sem sombra de dúvida seu maior historiador, foi o farol da presente pesquisa a iluminar e orientar o trabalho deste neto e filho de engenheiros.

Tendo como pano de fundo a Guerra do Paraguai, foram consultadas as obras do Gen Tasso Fragoso em seu minucioso e detalhado trabalho da **Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai**, em cinco volumes, bem ilustrada com croquis, plantas e mapas da região do conflito e mais recentemente com a obra de Francisco Doratioto, que retrata de forma mais atual e apropriadamente denominada de **Maldita Guerra**.

A pesquisa dos uniformes, o armamento e o equipamento utilizados pelos engenheiros, estão nitidamente retratados nos desenhos e aquarelas de J. Washt Rodrigues, que complementam as narrativas e documentos escritos sobre a Guerra do Paraguai.

No intuito de atingir os objetivos propostos, buscaram-se passagens na Guerra da Tríplice Aliança, resgatando as ações mais marcantes do Batalhão de Engenheiros, e das principais figuras que deram provas de bravura e estoicismo. Ao mesmo tempo, em outras ocasiões, onde predominavam as atividades técnicas, foram destacados os engenheiros da Comissão de Engenheiros no desempenho das funções de assessores e conselheiros juntos aos Comandos em operações.

A contribuição efetiva que este estudo pretende para evolução da História Militar e mais especificamente para Engenharia Militar é de procurar num conflito maior, no caso, a Guerra do Paraguai, verificar como uma determinada Arma, Corpo Especial ou Serviço, contribuiu para o sucesso da campanha e mais ainda, durante a realização da mesma evoluir e se complementar, chegando ao final com uma nova doutrina e nova organização, onde os engenheiros-doutores da Comissão de Engenheiros

se fundiram com os engenheiros-soldados do Batalhão de Engenheiros, originando o que viria a ser a quarta Arma do Exército Brasileiro - a Engenharia!

A pesquisa será desenvolvida em quatro partes, a saber:

Na primeira parte, abordam-se os primórdios do Batalhão de Engenheiros e do Corpo de Engenheiros, procurando definir os engenheiros-soldados e os engenheiros-doutores e como eles estavam organizados para atuarem na Guerra do Paraguai.

Nas segunda e terceira partes, serão apresentados os feitos e as passagens mais importantes do Batalhão de Engenheiros e do Corpo de Engenheiros, selecionados dentre muitos que os engenheiros tiveram participações decisivas e como elas vieram a contribuir para sua evolução durante o conflito.

Na última parte, observam-se as consequências da Guerra do Paraguai para a Engenharia Militar.

1 PRIMÓRDIOS DA ENGENHARIA MILITAR BRASILEIRA

Guerras sucediam guerras
Ferindo as nações do Prata!
Caudilho não se retrata
Face ambições descabidas.
Perdemos preciosas vidas
Em Campanhas diferentes,
Mas concluímos, prudentes,
Que o Império carecia
De uma Arma – Engenharia,
Construtora e combatente!
(SALDANHA, 2009)¹.

Desde 1823, tinha o Exército Brasileiro um Corpo de Engenheiros (Quadro de Oficiais), que nasceu com a nossa independência. Em 1829, por decreto de 22 de fevereiro, criou-se um corpo de pontoneiros, mineiros e sapadores, logo extinto por falta de pessoal especializado.

Nos anos de 1851 e 1852, participam da campanha contra Rosas, diversos oficiais do Corpo de Engenheiros que mais tarde iriam lutar na guerra da Tríplice Aliança, integrando a Comissão de Engenheiros ou o Batalhão de Engenheiros. Dentre eles cabe destacar: Capitães Ernesto Antonio Lassance Cunha e Juvêncio Manoel Cabral de Menezes; 1º Tenentes José Carlos de Carvalho, Frederico Augusto do Amaral Sarmento Mena, Cândido Januário Passos e Manoel da Silva Pereira; 2º Tenentes Francisco José de Freitas, João José de Sepúlveda e Vasconcelos, Rufino Enéas Gustavo Galvão e Augusto Dias Carneiro. Da mesma forma, diversos oficiais de Artilharia que iriam servir no Batalhão de Engenheiros: Capitão Hermenegildo de Albuquerque Portocarrero; 1º Tenente Art João Carlos de Vilagran Cabrita, 2º Tenente Art Manoel Deodoro da Fonseca e 2º Tenente Art Conrado Maria da Silva Bittencourt.

Só em 1855, dá-se a criação do Batalhão de Engenheiros. Compunha-se de quatro Companhias e foi aquartelado na então Escola de Aplicação do Exército. A última lei de organização do Exército, anterior à Guerra do Paraguai, datava de 22 de julho de 1864.

A Engenharia estava representada por um Corpo de Engenheiros e como tropa por um Batalhão de Engenheiros. Esta unidade não possuía equipagem de pontes regulamentar, ressentindo-se deste material e pessoal especializado que facilitasse o movimento do exército nas transposições de obstáculos naturais. Todavia, no decorrer da campanha, foi organizado um trem de pontes sobre carretas, que prestou reais serviços.

Segundo o 1º Ten Eng Floriano Möller, em seu trabalho “A Engenharia na Guerra do Paraguai”, publicado na Revista Defesa Nacional, edição de maio de 1941, p. 973):

É oportuno ressaltar que, enquanto os paraguaios dispunham de material de pontagem, que lhes permitiu percorrer uma região cortada de cursos d'água, as

¹ Evilácio Saldanha. ST Inf Ref. Poeta, Poesia Batalhão de Engenheiros (Gênese da Arma azul-turquesa), 2009.

nossas tropas estacionadas no Rio Grande do Sul nada tinham. As travessias dos rios eram feitas a vau (quando possíveis), ou então despontando cabeceiras. Esta era a situação dos engenheiros, nos seus primórdios, desequipados em meios de transposição de cursos d'água e sem uma organização definida para enfrentar um novo desafio que se avizinhava, ou seja, a Guerra do Paraguai.

1.1 BATALHÃO DE ENGENHEIROS

A criação do Batalhão de Engenheiros foi determinada pelo Decreto nº 1.535, de 23 de janeiro de 1855, e logo depois, a 1º de abril de 1855, ele passava a ter a sua organização como corpo de tropa técnico e unidade de combate, em cujas fileiras passaram a servir oficiais do Corpo de Engenheiros e oficiais combatentes das outras Armas, de acordo com o que foi estabelecido pelo Decreto nº 1535, o qual mantém a autenticidade, no seu inteiro teor, do português da época (Anexo A).

A simples análise do momento político em que foi criado o Batalhão de Engenheiros, à época das campanhas do Prata, define a ideia a que ele era destinado no caso de mobilização. Tratava-se de prover a organização militar de um tipo novel de unidade combatente, dotada de meios, em homens e material, para assegurar o deslocamento e o emprego da tropa das três Armas, resolvendo os problemas de ordem técnica, normalmente enfrentados no campo de batalha, em particular a travessia de cursos d'água, longe do inimigo ou em frente dele, os trabalhos de maior vulto na organização defensiva do terreno e na abordagem e destruição das fortificações inimigas, no curso dos ataques.

O responsável pela organização do Batalhão de Engenheiros e seu primeiro comandante foi o Major Hermenegildo de Albuquerque Portocarrero, pertencente à Arma de Artilharia.

Na data da sua organização, serviam no Batalhão de Engenheiros, além do seu comandante, os seguintes oficiais: 1º Tenente Manoel Deodoro da Fonseca – Ajudante; Alferes Manoel Francisco Refúgio – Quartel Mestre; Alferes Antonio Mattoso de Andrade Camara – Secretário; Capitão do Imperial Corpo de Engenheiros Candido Januário dos Passos – Comandante da 1ª Companhia; Capitão do Imperial Corpo de Engenheiros Dr. José Carlos de Carvalho – Comandante da 2ª Companhia.

Em 24 de julho de 1865 foi nomeado, interinamente, comandante do Batalhão, o capitão João Carlos de Vilagran Cabrita, que mais tarde iria conduzir heroicamente a resistência na Ilha da Redenção e o início de uma fase nova e brilhante de uma unidade que ainda não completara dez anos de existência.

Segundo Lyra Tavares, o maior historiador da Engenharia Militar Brasileira: “Não formávamos o engenheiro-soldado nem as Unidades de Arma, no conceito moderno, mas o técnico em construções e fortificações destinado, também, aos trabalhos, do âmbito da Nação” (TAVARES, 1966, p.1).



Figura 1: Batalhão de Engenheiros – 1855

Esses homens passaram a ser definidos como engenheiros-soldados, pois como a própria organização do Batalhão de Engenheiros, ao ser criado, previa um corpo de tropa técnico e unidade de combate. Essa associação que ora fazemos dos componentes do batalhão com missões operacionais, permitem inferir que estava se formando uma unidade onde a técnica e o combate se complementavam.

Os engenheiros-soldados seriam testados durante a campanha da Tríplice Aliança, assegurando o apoio ao combate e muitas vezes em algumas passagens, o protagonismo das ações de combate.

1.2 CORPO DE ENGENHEIROS

Em 1822, a atuação do Real Corpo de Engenheiros apresentava um grande acervo de serviços ao Brasil, particularmente na organização da defesa da colônia portuguesa contra as tentativas de conquistas por outras nações de ultramar.

Por provisão de 28 de setembro de 1846, o Imperial Corpo de Engenheiros passou a ficar sujeito ao Comandante das Armas da Corte, no Rio de Janeiro. Dez anos depois, em 1856, a Lei nº 862, de 30 de julho e o Decreto nº 1848, de 19 de novembro, ampliaram o quadro de efetivos do Corpo.

Em novembro de 1865, com a criação do Corpo de Estado-Maior de Artilharia, o Corpo de Engenheiros foi reduzido, e o Batalhão de Engenheiros ficou pertencendo ao quadro dos Corpos de Artilharia, conforme o Art. 12º do Decreto nº 3526, de 18 de novembro de 1865: "O Batalhão de Engenheiros pertencerá ao Quadro dos Corpos de Artilharia, guardadas as disposições do decreto nº 1535, de 23 de janeiro de 1865."

Segundo Lyra Tavares:

Desde os tempos coloniais, por força dos encargos públicos que lhe eram, obrigatoriamente, atribuídos, tanto na construção dos núcleos de defesa e de vida, como nas obras eminentemente civis, de estradas, edifícios, igrejas, chafarizes, aquedutos, ferrovias, construção de linhas telegráficas, etc., o engenheiro do Exército era, sobretudo, o 'doutor' (TAVARES, 1966, p. 1).

Os engenheiros eram formados nas mais diversas especializações de engenharia da época, e para diferenciar-se dos engenheiros do Batalhão de Engenheiros, passam a ser definidos como engenheiros-doutores. Por suas peculiaridades e atividade-fim, os engenheiros-doutores pertenciam a Arma de Artilharia no início da Guerra do Paraguai.

A missão dos oficiais do Corpo de Engenheiros, conforme se verifica das Instruções baixadas pelo Ministro da Guerra, Ângelo Moniz da Silva Ferraz, e publicada na Ordem do Dia nº 505, de 5 de março de 1866, era em resumo, a seguinte:

[...] Artigo 6º - Os oficiais do Corpo de Engenheiros serão empregados:

- 1- Em todos os trabalhos relativos à fortificação permanente e de campanha, ao ataque e defesa das praças, dos postos destacados, ou quaisquer entrenchamentos, e aos reconhecimentos para tal fim.
- 2 – Na construção e reparação de edifícios, pontes, estradas, passagens e vias militares.
- 3 – Nas secretarias e empregos administrativos dos estabelecimentos de instrução, ou quaisquer outros que não forem especiais ao estado-maior de artilharia, na forma do Dec. nº 3526 de 18 de novembro de 1865.
- 4 – No serviço de instrução dos estabelecimentos no Ministério da Guerra.
- 5 – No levantamento das plantas, cartas geográficas e topográficas, configurações dos terrenos, e na organização de projetos, planos, estatísticas, itinerários e memórias militares.
- 6 – No arquivo militar.



7 – No serviço próprio de estado-maior de artilharia, quando houver falta absoluta de oficiais de outras armas, que tenham habilitações e conhecimentos próprios de outros serviços. [...]

Em 17 de maio de 1865, o Major José Carlos de Carvalho é nomeado Chefe da Comissão de Engenheiros em Operações no Sul do Império.

O chefe da Comissão de Engenheiros era para Osório, como que o comandante da Engenharia do Exército, nos regulamentos atuais. Desempenhava o duplo papel de

consultor técnico e de chefe executante, e, ao mesmo tempo em que coordenava e dirigia os oficiais do Corpo de Engenheiros, apresentava sugestões ao General e diligenciava a reunião e a disposição dos meios materiais, em face à decisão tomada, no qual tinha colaboração principal (TAVARES, 1942, p. 117).

Na Figura 2, letras (a) e (e) são apresentados os engenheiros-doutores do Corpo de Engenheiros que teriam que aliar a técnica ao combate na Guerra do Paraguai.

1.3 ENGENHARIA MILITAR: BATALHÃO DE ENGENHEIROS OU CORPO DE ENGENHEIROS?

Em 1855, o Ministro da Guerra Pedro d'Alcantara Bellegarde, por ser engenheiro de formação quando criou o Batalhão de Engenheiros, estava voltado muito mais para a Engenharia em tempo de paz. Sua visão era, por isso, diferente quanto ao Batalhão de Engenheiros, conforme consta de seu relatório como Ministro:

Está organizado, pelo Decreto nº 1535 de 23 de janeiro do corrente ano, o Batalhão de Engenheiros. Para o futuro, depois de bem exercitado este Batalhão, tornar-se-á necessário aumentar a sua força, porque deve tomar grande parte nos trabalhos das obras da Repartição da Guerra, e vir a ser corpo d'onde se tirem melhores soldados para as Colônias Militares. (TAVARES, 1981, p. 67)

Ao substituir Bellegarde, Caxias, com a visão prática dos problemas militares, tinha outro pensamento quanto ao papel a ser desempenhado pelo Batalhão de Engenheiros.

Observa-se assim, como eram diferentes as visões de Bellegarde, Ministro da Guerra anterior, cujas preocupações prioritárias eram os empreendimentos necessários ao progresso material do País, que dependiam de aumento da Engenharia nas atividades civis, e a de Caxias, que se opunha a qualquer redução dos efetivos militares mais diretamente às necessidades das operações militares (TAVARES, 1981, p. 68).



Figura 3 - Corpos Especiais – 1852

Fonte: BARROSO; RODRIGUES (1922). Estampa n. 66.

Legenda: a) Capitão de Engenheiros, grande gala; b) Major do Estado Maior de 1ª Classe, grande gala; c) Tenente do mesmo corpo, segundo uniforme; d) Tenente-Coronel de Engenheiros, idem.

Esta problemática viria a ser posta à prova no conflito do Paraguai, uma vez que a Engenharia, representada pelo Corpo de Engenheiros, basicamente formada de doutores pertencentes à Arma de Artilharia, era um Corpo Especial, com sete oficiais, como o Estado-Maior de Artilharia, o Corpo de Saúde, Repartição Eclesiástica dentre outros. Por outro lado, o Batalhão de Engenheiros, composto de 17 oficiais e 270 praças de pré², era uma tropa operacional de engenharia, enquadrada na 19ª Brigada, comandada pelo Coronel Gomes de Freitas e subordinada ao Comando

Geral da Artilharia, cujo comandante era o General Melo. Assim estavam constituídos os engenheiros em 1º de março de 1866, no acampamento em Tala-Corá da Guerra do Paraguai, conforme se pode observar na organização do 1º Corpo de Exército Imperial em Operações (SCHNEIDER, 2009).

² praça de pret ou de pré: para diferenciar os militares que recebiam seus soldos por contrato de longo período, pessoas geralmente de origem nobre, daqueles contratados de acordo com a necessidade e que recebiam baixos salários, necessitando adiantamento de soldos (um pret era uma adiantamento de soldo). Wikipédia http://pt.wikipedia.org/wiki/Pra%C3%A7a_de_pret acessado às 22:00hs de 26/07/2010.

Como eles participaram dos combates? Quem foram seus protagonistas? São questionamentos que serão respondidos nas atuações do Batalhão de Engenheiros e do Corpo de Engenheiros no maior confronto sul-americano, envolvendo os países do Prata.

Na Figura 3 observamos que o Corpo de Engenheiros fazia parte dos Corpos Especiais, tal como o Estado-Maior.

2 ATUAÇÃO DO BATALHÃO DE ENGENHEIROS NA GUERRA DO PARAGUAI

E a Guerra do Paraguai
Cruzava o Rio Paraná!
Itapirú, Humaitá,
Casamatas, Redenção,
Não resistem à invasão
Da tropa que tem elã.
Numa histórica manhã,
Foi o berço em que nascia
A Arma de Vilagran!
(SALDANHA, 2009)

Lyra Tavares em sua conferência proferida na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, por ocasião do centenário da morte de Vilagran Cabrita, em 1966, apresenta uma breve síntese da evolução da arte da guerra para a engenharia, que julgamos oportuna para entendermos a adaptação do engenheiro-doutor ao engenheiro-soldado:

O emprego militar da Engenharia nasceu com a guerra de sítio, que marcou, por muito tempo, a grande tônica das operações militares. O ponto de encontro entre as atividades do engenheiro e as do soldado, estava, por assim dizer, na técnica da Castrametação. Eram os castros, ou castrelos, figura que passaria a servir de símbolo da Fortificação Permanente, a seara específica do caráter militar da Engenharia. A Fortificação era tida, aliás, como Arquitetura Militar.

A guerra de movimento, sobretudo nos seus aspectos táticos, imporia a adaptação do engenheiro-doutor ao engenheiro-soldado, reunindo a capacidade técnica às aptidões do combatente, dentre das unidades destinadas a integrar as Grandes Unidades, com missões específicas de apoio às outras Armas (TAVARES, 1966, p. 2).

É preciso que nos situemos na época da Guerra do Paraguai, 1865 a 1870, para verificarmos a doutrina do Exército Brasileiro, que segundo Francisco Doratioto:

O Exército Brasileiro no Paraguai operou, no início, a partir de táticas decorrentes da doutrina militar implementada em 1855 por Caxias, então ministro da Guerra. Essa doutrina fora elaborada a partir da experiência nas lutas internas brasileiras e, ainda, sob influência portuguesa, inglesa e francesa (DORATIOTO, 2002, p. 196).

E, prossegue Doratioto, descrevendo as Armas do Exército Brasileiro:

Além dessas três armas-artilharia, cavalaria e infantaria- havia os chamados corpos especiais, aos quais se encontravam agregado o Batalhão de Engenheiros, encarregado de organizar o terreno e proporcionar a transposição de pequenos cursos de água.

Esse batalhão, embora pouco valorizado pelos generais sem formação em academia militar, foi fundamental em uma guerra travada, em grande parte, em terreno pantanoso ou cortado por rios e riachos e, ainda, em trincheiras que tiveram que ser rapidamente construídas.

A única ressalva a ser feita é que, como já vimos anteriormente, o Batalhão de Engenheiros estava enquadrado pelo Comando Geral de Artilharia e não agregado aos chamados Corpos Especiais.

O Batalhão de Engenheiros teve uma atuação destacada nas atividades de combate, exigindo-se dos oficiais e praças, além de combater com as armas-base, infantaria e cavalaria, participar do apoio ao combate com a Artilharia, onde o Batalhão estava enquadrado.

Seu batismo de fogo foi na ocupação e defesa da Ilha da Redenção, neste episódio seu comandante, o Tenente-coronel João Carlos de Vilagran Cabrita, no dia 10 de abril de 1866 faleceu em seu posto de comando, enquanto redigia a parte da vitória.

A trajetória do Batalhão de Engenheiros prosseguiu sob o comando do Maj Conrado Maria da Silva Bittencourt, onde teve destacada atuação nas batalhas de Tuiuti e Humaitá.

Este emprego dos engenheiros de combate foi se consolidando, que após Tuiuti, por determinação de Caxias, o batalhão foi reorganizado com o acréscimo de duas companhias, uma de pontoneiros e outra de artífices.

Essas participações serão apresentadas à luz de historiadores da Guerra do Paraguai, tendo sempre a preocupação em complementá-las com as ordens do dia, citações de combate ou elogios de seus comandantes diretos.

2.1 OCUPAÇÃO DA ILHA DA REDENÇÃO

O reconhecimento detalhado da Ilha da Redenção fora feito de 29 a 30 de março de 1866, na previsão de ocupá-la. Era possível, de posse dela, alcançar, com fogos de Infantaria, o Forte de Itapiru, e, depois de vacilar, Osorio resolveu a sua ocupação de acordo com Tamandaré. O Ten Cel José Carlos de Carvalho e vários engenheiros, com 80 praças, quando fizeram o reconhecimento, iniciando na madrugada de 29, haviam encontrado a ilha coberta de macega alta e espessa.

Objetivando iludir os paraguaios de que se projetava efetuar o desembarque na área do Forte Itapiru, localizado na margem do Rio Paraná, determinou-se a ocupação da Ilha da Redenção, em frente ao Forte.

Na noite de 5/6 de abril foi feita a ocupação. Desembarcaram na ilha, sob o comando do Ten Cel Vilagran Cabrita, 900 brasileiros, compreendendo 100 praças do Batalhão de Engenheiros, 4 canhões La-Hitte, calibre 12 e 4 morteiros. O pessoal de linha, da guarnição da ilha, era pequeno. Lá estavam: o 7º Batalhão de Voluntários da Pátria, de São Paulo, comandado pelo Ten Cel Pinto Paca, e o 14º Provisório de Infantaria, formada por guardas nacionais do Rio e alguns voluntários nortistas. Este era comandado pelo Major Martini. Os demais elementos estavam sob o comando direto dos seguintes Capitães: Brazilio de Amorim Bezerra – as forças do batalhão de Engenheiros: Tibúrcio Ferreira de Souza – os morteiros; Francisco Antonio de Moura – os outros canhões.

O Chefe da Comissão de Engenheiros, Ten Cel José Carlos de Carvalho, com seus ajudantes André Rebouças, Jerônimo Jardim, Álvaro de Oliveira, Tomé Salgado e Bernardino Madureira, à frente do Pessoal do Batalhão, providenciou para que fossem instalados, em face do forte de Itapiru, duas baterias, construindo trincheiras e abrigos para a Infantaria e para as peças.

Junto à ilha, asseguravam a proteção os couraçados Baía e Tamandaré (que haviam estado em reconhecimento a montante de Itapiru), além das canhoneiras Henrique Martins e Greenhalg.

Era quase certo que os paraguaios haveriam de tentar a retomada da ilha, tão depressa quanto lhes fosse possível, e isto exigia medidas especiais de proteção, dada, particularmente, a situação desfavorável dos defensores, diante do forte de Itapiru. Impunha-se, para manter a posse do terreno ocupado, organizar a sua defesa, e Cabrita não perdeu tempo. Na manhã do dia 6 de abril, a Ilha da Redenção, que era território paraguaio, estava ocupada, organizada e defendida, pelas forças brasileiras de Cabrita.

2.2 COMBATE NA ILHA DA REDENÇÃO

A importância da Ilha da Redenção e sua manutenção pela Engenharia criaram condições para o desembarque dos aliados em território paraguaio (Planta 1).

Pela primeira vez em nossa História, um engenheiro, oficial de artilharia, comandava uma “Força-Tarefa³” em combate e, vitorioso morria em seu posto.

Nascido em 30 de dezembro de 1820, na Província Cisplatina em Montevidéu, Vilagran Cabrita fora reconhecido como cadete em 1840, pois era filho do Major Francisco de Paula Avelar Cabrita e seu pai servia ao Exército Português em Montevidéu. Alferes em 1842, serviu no 1º Batalhão de Artilharia a pé, e, depois em Pernambuco, diplomando-se, como bacharel em Matemáticas e Ciências Físicas, em 1847.

Deixemos que as citações e elogios descrevam aquele que foi considerado o batismo de fogo do Batalhão de Engenheiros, vide Anexo B.

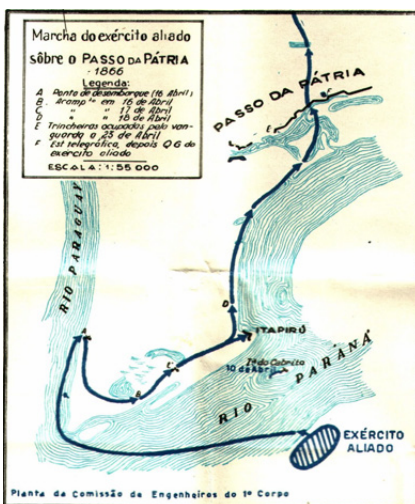
Por Decreto nº 3644, de 1º de maio de 1866, sua Majestade o Imperador houve por bem distinguir o honroso procedimento do Batalhão de Engenheiros, durante o combate da Ilha da Redenção, concedendo a insígnia de Cavaleiro da Ordem Imperial do Cruzeiro. Ainda pelo mesmo decreto, D. Pedro II, deu ao Batalhão de Engenheiros uma bandeira, e foi assim que se lhe reconheceu e legalizou oficialmente o direito de usá-la, que, do contrário, o Batalhão não teria, visto como não lhe era extensiva a disposição da provisão de 11 de janeiro de 1853, que limitou tal honra aos corpos de duas ou mais companhias, organizadas pelo plano mandado executar pelo Decreto nº 1533, de 19 de abril de 1851, uma vez que ele foi organizado, muito posteriormente, como vimos em 23 de janeiro de 1855.



A partir da descrição detalhada do Combate na Ilha da Redenção, feita pelo Gen de Divisão Carlos Patrício Freitas Pereira, então Diretor de Assuntos Culturais do Exército, o pintor Álvaro Martins, em 1997, reproduziu aquele fato histórico (Figura 4).

Figura 4 - Vilagran Cabrita na Ilha da Redenção

Fonte: Tela de A. Martins (1997) retratando o Combate da Ilha da Redenção



Eram os reconhecimentos pela bravura que esta Organização Militar em atividade eminentemente de combate, demonstrava sua importância no concerto das outras armas no Teatro de Operações⁴, criando as condições necessárias para o prosseguimento das ações de combate em solo paraguaio sobre o Passo da Pátria (Planta nº 1).

Planta 1 - Marcha do Exército Aliado sobre o Passo da Pátria-Fonte: FRAGOSO (1957)

2.3 TUIUTI

³ Força-tarefa: Grupamento temporário de forças, de valor unidade ou subunidade, sob um comando único, formado com o propósito de executar uma operação ou missão específica. (GLOSSÁRIO, 2003, p. F-12).

⁴ Teatro de operações: Parte do teatro de guerra, necessário à condução de operações militares de vulto e seu consequente apoio logístico, para o cumprimento de determinada missão. (GLOSSÁRIO, 2003, p. T-2)

No combate de Tuiuti, o Batalhão de Engenheiros, que estava subordinado ao Comando Geral da Artilharia, atuou como tropa combatente, desempenhando, inicialmente, missões de proteção e, finda a fase principal da luta, assegurando a limpeza do campo de batalha. Comandava-o o Major Conrado Maria da Silva Bittencourt.

No dia 20 de maio, na previsão do combate, o Batalhão de Engenheiros havia trabalhado na organização do terreno, executando, particularmente, obras de fortificação de campanha. Na manhã de 24 de maio, quando o inimigo iniciou o ataque as nossas linhas, o Major Conrado Bittencourt se apressou em proteger o flanco do 1º Regimento de Artilharia a Cavalos. Armado apenas com mosquetões de alcance reduzido, não poderia o Batalhão obter um fogo contínuo e, muito menos uma barragem de relativa densidade. Era mais o tiro de caçador, que fazia, isoladamente, cada soldado. Mas mesmo assim, a sua ação foi eficiente e logrou deter o inimigo durante o tempo necessário à manobra de infantaria que conseguiu repelir os paraguaios. Entrou-se, então, no aproveitamento do êxito e também aqui o Batalhão se fez representar com dois dos seus contingentes.

Combate após Tuiuti, vide Anexo C.

Na parte que o Comandante do Batalhão de Engenheiros, Major Conrado Maria da Silva Bittencourt enviou ao seu Cmt Marques do Herval, destacamos seu último parágrafo:

Achava-se V. Excia a nosso lado e foi testemunha ocular de que os oficiais e os soldados do Batalhão de Engenheiros, que me glorio de comandar e que me acompanhavam, cumpriram sem distinção entre si, com a maior bravura, entusiasmo e sangue frio o seu dever.

A ordem do dia regimental destaca e elogia a ação dos oficiais e soldados do Batalhão de Engenheiros nessa jornada, onde se mostraram todos dignos por sua bravura e entusiasmo nos combates, resignação e perseverança no trabalho, notando-se que eles trabalharam por mais de 24 horas, sem nenhum repouso, ora lutando com o inimigo, ora com a chuva e os serviços de fortificação (TAVARES, 1981, p.174).

Em plena campanha, na Região de Tuiuti, o Batalhão de Engenheiros sofre uma reorganização, elevando-se para seis o número de subunidades. Foram criadas uma Companhia de Pontoneiros e outra de Artífices. Pontoneiros eram elementos de engenharia especializados nas transposições de curso d'água, enquanto que os artífices eram elementos especializados em engenharia militar.

2.4 HUMAITÁ



Em 4 de abril de 1868, o Batalhão recebeu a missão de construir a linha fortificada de sítio de Humaitá e baterias que tinham por missão bombardear a referida praça. O sítio dos aliados era cada vez mais apertado. No dia 16 de julho de 1868, Caxias dava ordem a Osorio para que avançasse com a vanguarda, sob seu comando, o mais próximo possível das trincheiras inimigas e procedesse a um reconhecimento delas e, no caso de achar possível, empreender o assalto. Foi o célebre reconhecimento de Humaitá que iria cobrir de novos louros o Batalhão de Engenheiros.

Às seis horas da manhã, o Gen Osorio inicia o reconhecimento em força⁵ da fortaleza inimiga de Humaitá. Osorio determina que o Batalhão de Engenheiros avance, juntamente com as carretas que transportavam as escadas e pranchões para o assalto.

Planta 2 - 3ª Fase das operações contra Humaitá- Fonte: MORGADO (2003, p.18).

⁵ Reconhecimento em força: Operações de objetivo limitado, executado por uma força de certo vulto, com a finalidade de testar o valor, a composição e o dispositivo do inimigo ou para obter outras informações (GLOSSÁRIO, 2003, p. R-6).

Acompanhando o 4º Batalhão de Infantaria nesta missão, ao atingir o primeiro banhado, a Artilharia inimiga concentrou seu fogo sobre o Batalhão de Engenheiros, mesmo assim, ele conseguiu alcançar a trincheira avançada do inimigo, transpondo três fossos que a defendiam e calando três peças calibre 68. Tomado de flanco pela artilharia e infantaria inimiga, o batalhão recebeu a ordem de Osorio para retrain.

Dentro das 1019 baixas que registrou o Exército, coube, sem dúvida, ao Batalhão de Engenheiros a percentagem relativamente mais importante, pois teve fora de combate entre mortos e feridos nove de seus oficiais, dentre os quais o Tenente Pedro Mascarenhas Arouca. O Ten Arouca recebeu especial menção pela heróica e brilhante conduta por ter “combatido o inimigo e assaltado as obras avançadas, indo até o fosso principal, recebeu cinco contusões por metralha”.

A ação ativa dos Aliados contra Humaitá teve no reconhecimento do dia 16 um prelúdio sangrento, mas auspicioso. No dia 24 de julho, por determinação de Lopes, os últimos ocupantes de Humaitá começam a abandoná-la.

Citações após o combate em Humaitá no Anexo D.

Estas foram algumas das principais passagens do Batalhão de Engenheiros na Guerra do Paraguai.

A seguir acompanharemos as atuações Corpo de Engenheiros, onde se destacou a Comissão de Engenheiros.

(CONTINUA NA 2ª PARTE – O TUIUTI 04)

EDITOR:

LUIZ ERNANI CAMINHA GIORGIS, Cel
Presidente da FAHIMTB/RS
Delegado do IHTRGS/RS
lecaminha@gmail.com